

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA  
FUNDACÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA - IBGE  
DIRETORIA DE PESQUISAS

INDICADORES CONJUNTURAIS DA INDUSTRIA  
PRODUÇÃO FISICA - REGIONAL

REGIÃO NORDESTE

PERNAMBUCO

BAHIA

MINAS GERAIS

| 1988 : MAIO |

RIO DE JANEIRO

SÃO PAULO

REGIÃO SUL

| 15 / 07 / 88 |

	PAGINA
NOTAS METODOLOGICAS .....	1
COMENTARIOS .....	2
INDICES POR GENERO DE INDUSTRIA	
REGIÃO NORDESTE .....	13
PERNAMBUCO.....	14
BAHIA .....	15
MINAS GERAIS .....	16
RIO DE JÁNEIRO .....	17
SÃO PAULO .....	18
REGIÃO SUL .....	19

## INDICADORES REGIONAIS DE PRODUÇÃO FÍSICA

## NOTAS METODOLOGICAS

- 1 - Os indices regionais utilizam dados primarios da Pesquisa Industrial Mensal ( PIM ). Os painéis de produtos e informantes são específicos para cada região, com exceção de Pernambuco e Bahia.
- 2 - Para a Industria Geral e tomando-se como referencia o Valor da Transformação Industrial de 1980, os produtos selecionados alcançam os seguintes niveis de cobertura: Região Nordeste, 190 produtos ( 58% ); Pernambuco, 102 produtos ( 56% ); Bahia, 91 produtos ( 52% ); Minas Gerais, 158 produtos ( 59% ); Rio de Janeiro, 261 produtos ( 51% ); São Paulo, 493 produtos ( 54% ) e Região Sul, 264 produtos ( 52% ).
- 3 - Os procedimentos metodologicos dos indices regionais são identicos aos adotados no indice - Brasil. A base de ponderação é fixa e tem como referencia a estrutura do Valor da Transformação Industrial do Censo Industrial de 1980.

A formula de calculo adotada é uma adaptação de Laspeyres base fixa em cadeia, com atualização de pesos.

## 4 - São divulgados quatro tipos de indices:

- INDICE BASE FIXA MENSAL ( NUMERO-INDICE ): compara a produção do mes de referencia do indice com a média mensal produzida no ano base da pesquisa ( 1981 );
- INDICE MENSAL: compara a produção do mes de referencia do indice em relação a igual mes do ano anterior;
- INDICE ACUMULADO: compara a produção acumulada no ano, de janeiro até o mes de referencia do indice, em relação a igual periodo do ano anterior;
- INDICE ACUMULADO 12 MESES: compara a produção acumulada nos ultimos 12 meses de referencia do indice em relação a igual periodo imediatamente anterior.

OUTROS INDICES ( por exemplo, MES/MES ANTERIOR ) podem ser obtidos pelo usuario a partir dos indices base fixa mensal.

5 - Os indices apresentados neste documento são preliminares, estando sujeitos a retificação nos dados primarios por parte dos informantes da pesquisa.

6 - A sistematica adotada para retificação de indices, é divulgar, junto com os resultados de cada mes de dezembro do ano ( N ), o "indice base fixa mensal" do ano ( N-1 ), que passara então a ser definitivo.

7 - Informações mais detalhadas sobre os procedimentos metodologicos podem ser obtidas no Departamento de Industria ( DEIND ) - Rua Visconde de Niterói, 1.246 BL/B - Sala 705 telefones: 254-9914 e 284-8840.

## COMENTÁRIOS

Os resultados regionalizados da produção industrial em maio Último mantêm praticamente inalterados os traços dominantes observados ao final do primeiro quadrimestre: os índices contra igual período de 1987 mostram queda na atividade industrial, com exceção da Bahia (em maio Último) e Minas Gerais, onde ao longo do ano a influência das exportações industriais tem sido marcante.

TABELA 1  
DESEMPENHO INDUSTRIAL POR REGIÕES  
JANEIRO-MAIO-1988  
(Base: igual período do ano anterior=100)

REGIÕES	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Nordeste .....	89,7	- 1,0
Minas Gerais .....	103,0	0,3
Rio de Janeiro .....	97,6	- 0,3
São Paulo .....	93,1	- 3,7
Sul .....	96,1	- 0,7
Subtotal .....	-	- 5,4
Outros Locais .....	-	- 0,7
 BRASIL	93,9	- 6,1

FONTE: IBGE

OBS.: Vide nota explicativa no texto.

A tabela 1, ao lado, procura medir o impacto do desempenho de cada região na formação da taxa de crescimento obtida a nível nacional<sup>(\*)</sup>. Verifica-se, então, que a maior influência negativa para o desempenho nacional vem de São Paulo, que ao registrar queda de -6,9% no acumulado janeiro-maio provoca impacto de -3,7 pontos percentuais. Também a performance do Nordeste tem contribuição significativa (-1,0 ponto percentual), mas pela intensidade de sua retração (-10,3%) que pela importância em termos de ponderação. No caso de São Paulo, local cujo setor industrial é mais diversificado, predominam as retrações em segmentos ligados a Bens de Consumo, enquanto que acima da média da indústria situa-se a categoria de Bens de Capital, graças ao desempenho das exportações e da safra agrícola. A indústria nordestina, por sua vez, reflete basicamente o comportamento do setor álcool-açucareiro, cuja produção em 1987 rompeu o padrão sazonal, levando a uma queda acentuada nos primeiros meses deste ano. Para o segundo semestre este fator será com certeza amortecido, e os melhores resultados obtidos até aqui na indústria da Bahia (-1,4% no acumulado janeiro-maio contra -21,1% para Pernambuco) terão maior influência no resultado global da região.

O desempenho de Minas Gerais (3,0% de crescimento e impacto de 0,3%) confirma a forte presença das vendas externas como fator de impulso à atividade industrial em 1988.

(\*) Cabe lembrar que a decomposição regional do crescimento registrado para o Brasil contém duas limitações: primeiro porque o corte regional não esgota todos os locais que participam da amostra para o País, e em segundo lugar, porque o método de cálculo adotado leva a que o índice para o Brasil não seja obtido dos resultados das amostras regionais. Estes dois fatores acabam por relativizar a contribuição dos "outros locais" na tabela 1.

O melhor exemplo é o avanço de 12,0% na produção siderúrgica mineira contra -0,3% deste ramo na média nacional. No Rio de Janeiro, considerando-se a predominância de segmentos de Bens de Consumo, o resultado final para janeiro-maio (-2,4%) foi até certo ponto favorável, isto porque alguns setores de Bens de Capital (construção naval e telecomunicações) revelaram bom desempenho.

Finalmente, na indústria da Região Sul (-3,9%), verifica-se que os resultados favoráveis de segmentos articulados à agroindústria, e de alguns subsetores da química (fertilizantes) não têm sido suficientes para compensar as quedas observadas em indústrias tipicamente produtoras de Bens de Consumo.

#### PERNAMBUCO

A indústria pernambucana apresenta em maio, para todos os indicadores, novamente o pior desempenho dentre as regiões pesquisadas. No entanto, os resultados da comparação mensal (-19,8%) e acumulada (-21,1%) já indicam sinais de desaceleração do ritmo de queda, em função principalmente da estabilização da produção, num patamar muito baixo, dos derivados da cana-de-açúcar, que assinalavam contrações acentuadas nos meses anteriores.

O indicador anualizado (-10,0%) mantém o seu movimento descendente ao registrar taxas negativas em todos os setores industriais do Estado, no qual destacam-se os seguintes gêneros e produtos, todos com quedas superiores a 20,0%: metalúrgica (fio-máquina de aço), produtos de matérias plásticas (placas ou chapas de matéria plástica) e material elétrico e de comunicações (pilhas secas).

Os segmentos com maior participação na estrutura industrial de Pernambuco apresentaram desempenho acima da média global - produtos alimentares (-1,2%) e química (-5,5%) - contribuindo para atenuar o quadro contracionista.

A diferença verificada entre os indicadores mensais de maio (-19,8%) e abril (-25,8%), de seis pontos percentuais, foi a maior do ano. Neste movimento, destacam-se na região a química (-15,1%) e produtos alimentares (-21,1%), que em abril assinalaram decréscimos de -33,0% e -28,7% respectivamente. Esta diminuição na intensidade da queda atingiu todos os setores da indústria, com exceção de minerais não metálicos (-10,4%) e material elétrico e comunicações (-59,4%).

O indicador acumulado consequentemente apresenta redução da queda na produção industrial do Estado, o que pode ser creditado à estabilização das taxas dos derivados de cana-de-açúcar, tais como açúcar demerara (-59,5%) e álcool anidro e hidratado (-58,5%) devido a coincidência em maio do período de entressafra, que levou esses produtos a terem crescimento nulo no indicador mensal. As maiores taxas negativas no Acumulado foram registradas nos gêneros material elétrico e comunicações (-33,1%) e metalúrgica (-29,0%) destacando-se novamente pilhas secas e fio-máquina de aço, respectivamente.

Analizando-se o resultado no ano, em termos de complexos industriais (\*), nota-se que o decréscimo é generalizado (tabela 2) sendo mais intenso na agroindústria (-33,2%), em especial no micro-complexo cana-de-açúcar (-42,4%). Em têxtil (-14,7%) destaca-se pelo seu impacto no resultado da indústria, o item fios crus de algodão (-16,6%).

Como ainda não há sinais de recuperação da massa salarial e, por conseguinte, do mercado interno, e está se iniciando o período de entressafra da cana-de-açúcar, é provável que esse quadro contracionista seja mantido nos próximos meses.

(\*) Para maiores esclarecimentos acerca da utilização da tipologia de complexos industriais, vide observações feitas nos comentários dos indicadores conjunturais da indústria (Brasil) do mês de maio.

TABELA 2  
PERNAMBUCO  
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA SEGUNDO COMPLEXOS INDUSTRIALIS  
JANEIRO-MAIO 1988  
(Base: igual período do ano anterior=100)

COMPLEXOS INDUSTRIALIS	INDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
AGROINDÚSTRIA	66,8	-12,3
· Cana-de-açúcar .....	57,1	-18,2
· Outros .....	80,4	-2,1
TEXTIL .....	85,3	-1,4
DEMAIS COMPLEXOS .....	86,2	-7,4
INDÚSTRIA GERAL .....	78,9	-21,1

FONTE: IBGE

#### BAHIA

O mês de maio representou para a indústria baiana seu melhor resultado no indicador mensal (6,2%) desde abril do ano passado, excluindo-se ago/87 (7,1%). Esta evolução não é inesperada, dado que as taxas negativas vinham revelando uma desaceleração da queda a partir de fevereiro do corrente ano; entretanto, comparando-se este crescimento com os obtidos pelas demais regiões, fica claro que a Bahia, conjuntamente com Minas Gerais, é exceção numa situação de queda generalizada da produção industrial. Utilizando-se algumas estatísticas da Confederação Nacional da Indústria, este quadro é reforçado quando se constata que, na mesma base de comparação, o número de horas trabalhadas cresce 3,2%, ou seja, uma das taxas regionais mais elevadas segundo levantamento da CNI.

A boa performance da indústria geral na comparação mensal está relacionada ao desempenho positivo de seis segmentos dentre aqueles pesquisados, cabendo a material elétrico e de comunicações (47,7%), borracha (30,3%) e produtos alimentares (13,5%) as maiores taxas verificadas no mês.

Para o primeiro gênero, vale ressaltar que o crescimento significativo de fios e cabos de alumínio nus (205,3%) tem aver com a base de comparação, posto que a ocorrência de greves em abril/87 pode ter ainda prejudicado a produção do mês seguinte; com relação aos dois últimos segmentos, os principais produtos responsáveis pelas elevadas taxas de crescimento foram borracha vegetal e manteiga de cacau, respectivamente.

Ainda no mensal, a indústria extractiva mineral (4,6%) teve um desempenho superior à média dos primeiros quatro meses do ano, em boa medida devido ao aumento da extração de gás natural (15,7%), enquanto que a indústria química (6,8%) foi influenciada pela expansão da produção de óleo diesel (14,3%) e de gasolina (10,1%). Tais fatos podem ser consequência dos problemas verificados na plataforma de Enchova no Rio de Janeiro, que possivelmente desviaram parte dos produção para o polo petroquímico da Bahia.

TABELA 3  
BAHIA  
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA SEGUNDO COMPLEXOS INDUSTRIALIS  
JANEIRO-MAIO-1988  
(Base: igual período do ano anterior=100)

COMPLEXOS INDUSTRIALIS	INDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
QUÍMICA .....	102,1	1,6
Produtos Químicos Finais .....	121,2	0,4
Elementos Químicos .....	99,1	0,0
Petroquímica .....	101,7	1,2
OUTROS COMPLEXOS .....	88,8	-3,0
INDÚSTRIA GERAL .....	98,6	-1,4

FONTE: IBGE

Analisando-se o indicador acumulado até maio, nota-se que o bom resultado deste mês leva o índice para o patamar mais alto deste ano (-1,4%), comparativamente a igual período do ano anterior. Dois segmentos industriais passam a revelar taxas positivas - extrativa mineral (0,8%) e material elétrico e de comunicações (7,2%) - juntando-se à química (1,6%) e borracha (17,1%), os únicos setores com crescimento da produção no primeiro quadrimestre do ano.

Pelos dados da tabela 3, fica evidente o impacto da Petroquímica no Complexo Química e deste último na indústria como um todo. Trabalhando-se com o indicador acumulado no ano, o Complexo Química (2,1%) contrabalança de forma significativa a queda verificada nos outros complexos (-11,2%), fazendo com que a contração na indústria baiana seja de apenas -1,4%. Dentro da química, o setor petroquímico (1,7%) é aquele que efetivamente influencia a primeira, dado o forte peso assumido na estrutura industrial do Estado, ou seja, confirmando a análise da nota anterior, os segmentos ligados ao petróleo, em última instância, definem o resultado para a indústria da Bahia.

#### MINAS GERAIS

Com resultados positivos em todos os indicadores: mensal (6,9%) acumulado (3,0%) e acumulado 12 meses (1,8%) a indústria mineira vem consolidando sua trajetória de crescimento, sustentada pelo bom desempenho de suas vendas externas.

A expansão da indústria verifica-se a partir de março (tabela 4), passando de uma queda de -1,2% no primeiro bimestre para um crescimento de 5,9% no último trimestre, tendo seu desempenho liderado pelas exportações. No período, março-maio praticamente todos os gêneros com significativas vinculações com o exterior melhoraram seu desempenho, destacando-se a metalúrgica (15,4%) e extrativa mineral (15,5%). A exceção ficou por conta de produtos alimentares, apesar do incre-

mento das vendas externas de carne congelada. Por outro lado, os segmentos mais ligados ao mercado interno não tiveram um comportamento homogêneo, alguns melhoraram a sua performance (ex.: material elétrico) e outros intensificaram sua contração (ex.: produtos de matérias plásticas).

TABELA 4  
MINAS GERAIS  
DESEMPENHO DO SETOR INDUSTRIAL EM 1988  
(Base: igual período do ano anterior = 100)

GÊNEROS SELECIONADOS	TAXAS (%)	
	JAN-FEV	MAR-MAI
<b>VINCULADOS AO MERCADO EXTERNO</b>		
Extrativa Mineral .....	1,3	15,5
Metalúrgica .....	7,1	15,4
Material de Transporte .....	- 8,8	6,3
Papel e Papelão .....	- 1,6	11,9
Produtos Alimentares .....	11,8	9,0
<b>VINCULADOS AO MERCADO INTERNO</b>		
Minerais não Metálicos .....	- 11,3	0,5
Material Elétrico .....	- 9,8	12,6
Química .....	- 9,2	- 6,6
Produtos de Mat. Plásticas .....	- 23,4	- 34,1
Têxtil .....	- 4,4	- 7,5
Vestuário .....	- 31,3	- 13,4
Bebidas .....	2,7	- 2,0
Fumo .....	10,3	- 7,0
INDÚSTRIA GERAL .....	- 1,2	5,9

FONTE: IBGE

A performance de metalúrgica (15,4%) no trimestre e 12,0% no acumulado do ano) foi obtida em razão do crescimento das exportações, que vem de forma a compensar a retração do consumo interno. O setor metalúrgico, segundo os dados do IBS (Instituto Brasileiro de Siderurgia), vem destinando atualmente 40,0% da sua produção para o mercado externo, estimada em 8,7 milhões de toneladas. A nível interno essa indústria enfrenta

o problema da queda do consumo, que em 1987 perfazia 107 kg/ano per capita, caindo para 85 kg/ano em 1988. Outro fator que pode influir negativamente é a elevação das cotas de produção dos países membros da Comunidade Econômica Européia o que deverá acirrar a competição entre os países exportadores. Em termos de produtos, ferro-gusa e ferro-niôbio em formas primárias, são os responsáveis pelo bom desempenho do setor.

O setor extractivo mineral, com taxa bem próxima do setor metalúrgico no trimestre em análise (15,5%), vem se beneficiando tanto das exportações primárias, como também do efeito indireto do crescimento da produção siderúrgica, cabendo aí destacar, enquanto fornecedor da matéria-prima, o papel das empresas privadas.

Outros dois setores que apresentaram melhores resultados no trimestre foram material de transporte, que passou de -8,8% no bimestre janeiro-fevereiro para 6,3% no período março-maio e papel e papelão, que atingiu a casa dos dois dígitos (11,9%). Quanto a material de transporte, apesar de nos meses de abril e maio, apresentar números bem mais modestos do que os dois meses precedentes, o resultado acumulado no ano (1,1%) ainda é explicado em boa medida, pelo resultado das exportações de camionetas e utilitários, com 72,2% de expansão neste período. Os automóveis para passageiros cujo crescimento acumulado em janeiro-maio, registra queda de 10,6%, sofre os efeitos da retração da demanda, face aos sucessivos aumentos de preços, conjugados com a perda de poder aquisitivo da massa salarial.

A indústria de papel e papelão cresceu 11,9% no trimestre março-maio contra -1,6% no primeiro bimestre do ano. O resultado dos últimos três meses pode ser explicado pela elevação do preço da celulose no mercado internacional, contribuindo, deste modo, para acelerar o ritmo da produção. Vale assinalar, entretanto, que a expressiva expansão (43,6%) é motivada, em grande medida, pelo efeito base ocasionado

por paralisações para manutenção em importantes empresas do setor no mês de maio do ano passado.

Quanto à indústria alimentar, os resultados nesses cinco meses do ano chegam a ser surpreendentes, pois historicamente esse período é caracterizado como de fraca performance. Isso decorre do bom desempenho de produtos ligados a Pecuária, tais como carnes e leite em pó, conforme citado em notas passadas. A elevação na produção de carnes tem sua explicação no grande incremento das vendas externas. Quanto ao leite em pó, os sucessivos aumentos nos preços do produto "in natura" têm estimulado o setor, dada a maior disponibilidade de insumos. Vale acrescentar que outro produto, suco de maracujá, vem tendo grande influência no crescimento do gênero, em razão da maior oferta de matéria-prima de corrente de alterações no processo de conservação da fruta.

Naqueles setores que sofrem os efeitos mais diretos da desaceleração da atividade econômica, na comparação entre o primeiro bimestre do ano com o trimestre março-maio (Vide tabela 4) registram-se pequenas melhorias em: minerais não metálicos, cuja taxa no último trimestre (0,5%) sugere uma leve recuperação na Construção Civil; material elétrico que passa de -9,8% para 12,6%; Química que ameniza a sua queda em relação ao bimestre, assinalando -6,6% contra -9,2% e vestuário que mesmo apresentando índices negativos, atinge taxas mais favoráveis, saindo de uma queda de -31,3% para -13,4%, confirmando assim as estatísticas de comércio da Grande Belo Horizonte.

Por outro lado, a indústria de matérias plásticas continuou a registrar a maior queda, acentuando sua performance negativa, ao passar de -23,4% para -34,1%. Outros dois segmentos que mantinham resultados positivos no primeiro bimestre, Bebidas e Fumo, passaram para o campo negativo.

Analisando-se a evolução da indústria mineira, por

categorias de uso<sup>(\*)</sup> conforme a tabela 5, nota-se que Bens Intermediários (5,1%), onde se concentram as vendas externas, foi o setor que ocasionou maior impacto positivo na taxa global (2,9 pontos percentuais), seguidos de Bens de Capital com crescimento de 28,0% "puxado" pela produção, em boa medida exportada, de camionetas e utilitários (72,2%). Já a categoria de Bens de Consumo apresentou queda de -3,4%, sendo que a de Bens Não Duráveis, com -1,6%, foi a que gerou a maior contribuição negativa.

TABELA 5  
MINAS GERAIS  
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA POR CATEGORIAS DE USO  
JANEIRO-MAIO 1988  
(Base: igual período do ano anterior=100)

CATEGORIAS DE USO	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Bens de Capital .....	128,0	0,4
Bens Intermediários .....	105,1	2,9
Bens de Consumo .....	96,6	-0,3
Consumo Durável .....	89,4	0,0
Consumo Não Durável .....	98,4	-0,3
Indústria Geral .....	103,0	3,0

FONTE: IBGE

Em última análise, no conjunto dos resultados apresentados para a indústria mineira nestes cinco primeiros meses, houve para os segmentos mais dinâmicos da estrutura produtiva uma maior abertura com o mercado internacional, su-

(\*) É importante ressaltar que a amostra da PIM-PF, no seu corte regional, não pretendeu dar conta da tipologia de categorias de uso, havendo portanto, possíveis limitações no que tange à cobertura das referidas categorias em relação à indústria geral.

gerindo assim, em se mantendo o atual dinamismo das exportações, a manutenção dos níveis de crescimento da indústria para os próximos meses. Outro fator que pode vir a contribuir a médio prazo, é a nova política industrial, dado que um de seus objetivos é o aumento da competitividade das exportações brasileiras. Quanto à performance dos segmentos vinculados ao mercado interno, não se vislumbra a curto prazo resultados mais favoráveis, pois no atual cenário econômico não há expectativa no que se refere a recuperação da massa salarial.

#### RIO DE JANEIRO

Com queda de -3,4% em maio último, relativamente a igual mês do ano passado, a indústria fluminense reduziu o seu Índice de desempenho comparado aos estabelecimentos nos dois meses precedentes (março: 5,6% e abril: -1,5%). Contribuiu basicamente para isto a diminuição do crescimento da metalúrgica (de 13,0% em abril para 4,7% em maio) e de material de transporte (de 29,0% para 21,7%), bem como o decréscimo na extrativa mineral (-16,9%) - seu primeiro resultado negativo este ano - em consequência da paralisação na produção de petróleo em bruto e gás natural no poço de Enchova.

Mesmo assim o desempenho acumulado nos cinco primeiros meses do ano, -2,4% em relação a igual período do ano anterior, coloca o Rio de Janeiro com performance acima da média brasileira (-6,1%). Para isto foi essencial o comportamento favorável da produção de Bens de Capital no Estado, (vide tabela 6) cuja expansão de 33,4% contrasta com o resultado negativo da categoria a nível nacional (-3,5%). O reaquecimento da indústria naval e o grande aumento observado no segmento produtor de equipamentos de telecomunicações, este responsável pelo notável crescimento de material elétrico e de comunicações (41,1%), explicam a boa performance da categoria na região.

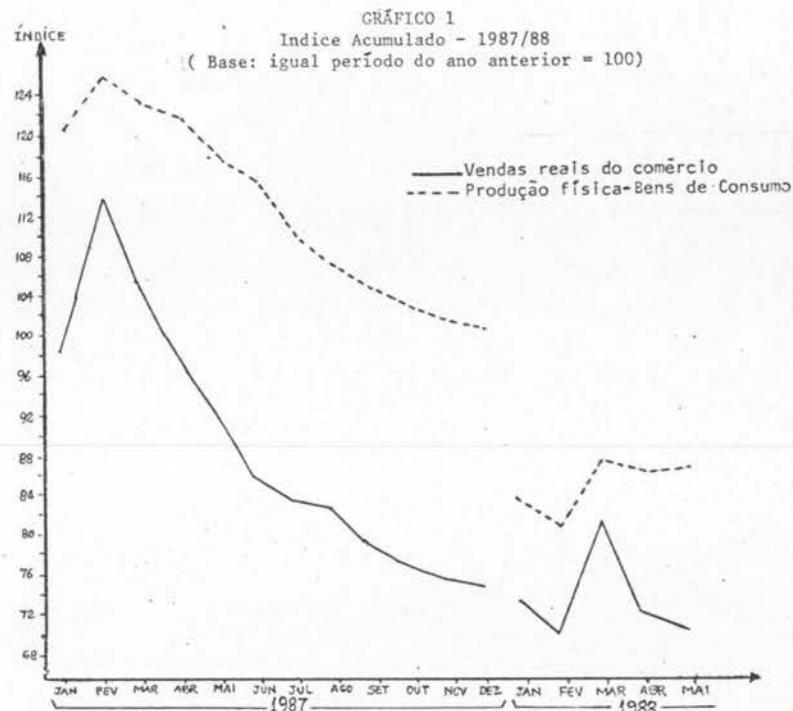
O setor de Bens Intermediários, com queda no período em análise de apenas -1,7%, quando para o Brasil o mesmo atingiu um decréscimo de -4,2%, também contribuiu para que o resultado global do Estado se situasse acima da média brasileira. Nesse sentido, foram importantes as contribuições positivas da metalúrgica (5,5%) e da química (1,2%). Vale frisar que a indústria química no Rio de Janeiro tem características que a distinguem da dos outros Estados. Ou seja, aqui têm relativamente muito pouca importância os segmentos que processam matéria-prima de origem agrícola, como os de álcool e de óleos vegetais, o que basicamente justifica a performance regionalmente diferenciada do gênero. Uma certa especificidade também ocorre com relação à metalúrgica deste Estado, no que se refere a especialização no processamento de alguns itens da sua linha de produção, cujo maior exemplo é o de folhas-de-flandres, único produtor no País. A propósito, este foi o principal produto responsável pela expansão do gênero no período janeiro-maio.

TABELA 6  
RIO DE JANEIRO  
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA POR CATEGORIA DE USO  
JANEIRO-MAIO DE 1988  
(Base: igual período do ano anterior=100)

CATEGORIAS DE USO	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Bens de Capital .....	133,4	2,4
Bens Intermediários .....	98,3	-0,9
Bens de Consumo .....	87,2	-3,9
Consumo Durável .....	90,1	-0,1
Consumo não Durável .....	87,1	-3,8
Indústria Geral .....	97,6	-2,4

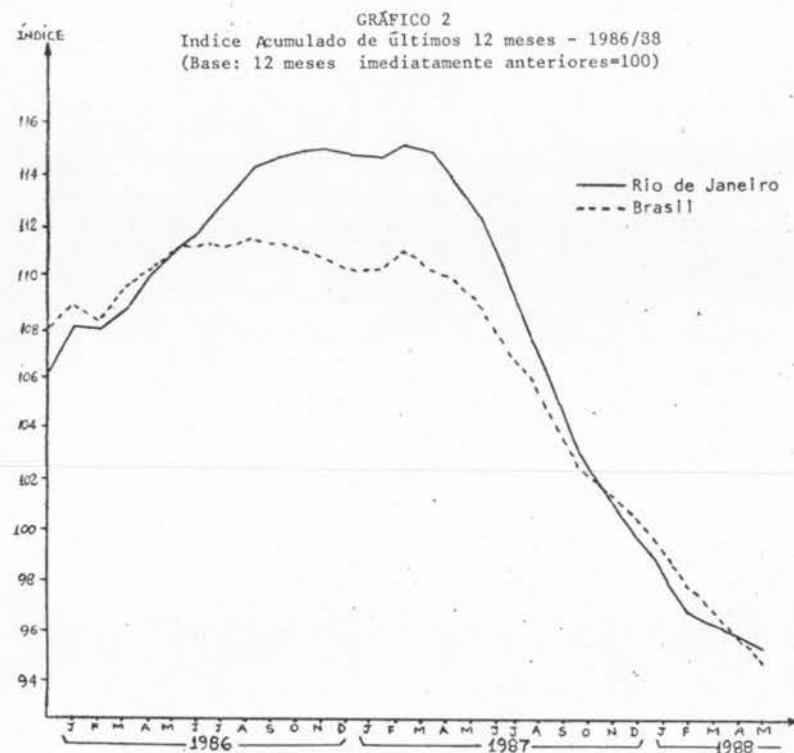
FONTE: IBGE

Já na categoria de Bens de Consumo, a redução de -12,8% supera a queda verificada para o Brasil, que atingiu -8,1%, com forte participação negativa dos gêneros de vestuário (-15,3%) e Alimentares (-13,8%). Isto pode sugerir que o Rio de Janeiro esteja sendo relativamente mais afetado que os outros principais centros industriais do País no que se refere aos níveis de contração da massa salarial, principalmente tendo-se em conta que a suspensão da URP para o funcionalismo provavelmente tenha tido maior repercussão neste Estado, em face do significativo peso relativo do setor público no local. Os elevados índices de quedas do comércio carioca nos últimos meses parecem corroborar esta hipótese. Nos cinco primeiros



meses do ano as vendas do setor retrairam-se em 28,1%, com relação a igual período do ano anterior, índice que para a região Metropolitana de São Paulo foi de -8,4% e para Belo Horizonte -7,2%, segundo as Federações do Comércio destes locais.

O gráfico 1 compara a evolução da produção do segmento de Bens de Consumo com a das vendas reais do comércio. Primeiramente, observa-se uma forte queda do nível de produção no início deste ano, provavelmente como consequência das vendas do final do ano passado terem ficado bem abaixo das expectativas, gerando acúmulo de estoques cuja saída se deu basicamente através de promoções, razão principal do



significativo aumento das vendas em março. Outro ponto a destacar é que a partir de março, enquanto as vendas ainda continuam retraidas, a produção de Bens de Consumo praticamente se estabiliza, levando a crer que esteja sendo aplicada a estratégia de antecipar a produção como um meio de defesa das margens de lucratividade, numa conjuntura de custos crescentes e contração dos negócios, fato que passa a ser viabilizado no curto-prazo a partir do momento em que a taxa real de juros torna-se relativamente favorável.

Por fim, em termos de tendência, observa-se que a partir de março a indústria fluminense passa a retrair-se de forma mais suave, como indica o gráfico 2 que mostra as trajetórias da produção anualizada do Rio de Janeiro e do Brasil. E isto, mais uma vez deve ser atribuído ao excelente desempenho do setor de Bens de Capital neste Estado.

#### SÃO PAULO

Conhecido o resultado do desempenho industrial paulista neste mês de maio, os principais indicadores revelam a continuidade da performance negativa do setor, em relação a 1987: -7,8% no mensal, -6,9% no acumulado e -5,9% no doze meses.

Com -7,8% o indicador mensal apresentou um avanço de 2,2 pontos percentuais em relação a abril último. No entanto, este resultado manteve-se dentro da média das taxas mensais negativas (-7,3%) observadas a partir de julho de 1987 - com exceção de março (0,7%) - denotando, com isto, a manutenção do ritmo de contração da produção nos últimos meses.

Observa-se que dos dezesseis gêneros pesquisados, apenas material de transporte (3,4%) e borracha (4,5%) vêm mantendo taxas positivas nos últimos meses, excetuando-se o mês de abril no caso do primeiro segmento. O desempenho favorável dos gêneros citados é devido à expansão da produção de automóveis e pneumáticos.

Por outro lado, ainda na comparação mensal, os setores industriais que figuram como os de maior impacto negativo na formação da taxa global são, em ordem de importância, os de química (-11,2%), metalúrgica (-12,1%), mecânica (-8,3%), material elétrico (-7,7%), têxtil (-8,3%) e matérias plásticas (-16,2%), que respondem por mais de 80% do resultado registrado no mês. Tendo como produtos responsáveis: gasolina, parafusos de ferro e aço, transportadores mecânicos, bobinas eletrônicas, tecidos de algodão, e pisos de material plástico respectivamente.

Em termos do indicador cumulado janeiro-maio deste ano, comparado a igual período do ano anterior, o resultado de -6,9% repete praticamente a taxa do mês passado (-6,7%). Com exceção de material de transporte (5,5%), borracha (1,3%) e mecânica com crescimento nulo, os demais gêneros apresentaram queda na produção.

A recuperação das vendas de veículos de passageiros no mercado interno, nestes primeiros cinco meses do ano, é responsável por uma boa parcela do desempenho satisfatório do gênero material de transporte. Esta expansão pode ser creditada basicamente a três fatores:

- 1 - Campanhas de promoção de vendas oferecendo desconto, parcelamentos sem juros ou sobrevalorização do veículo usado na troca por um novo;
- 2 - O escoamento de boa parte da produção via consórcios. Estima-se esta participação em torno de 40% das vendas internas.
- 3 - A expansão do PIB agrícola em regiões como centro-oeste, interior paulista e sul do país, que se beneficiaram com a alta de preços dos produtos agrícolas, gerando assim maior procura por automóveis nestas regiões.

Este último fator, aliado ao incremento das exportações, permitiu também a maior demanda por caminhões de mais de 20 toneladas. Por conseguinte a performance do setor

borracha é justificada pelo crescimento da produção de pneumáticos para caminhões e ônibus.

Os gêneros que mais contribuíram com impacto negativo na formação da taxa global do indicador acumulado foram: metalúrgica (-9,4%), material elétrico (-13,0%), química (-5,6%) e têxtil (-11,9%) devido a menor demanda pelos produtos: tubos e canos de aço com costura, fios, cabos e condutor de cobre, gasolina e tecido artificial e sintético, respectivamente.

O desempenho pela ótica das categorias de uso, (tabela 7), apresenta as seguintes taxas: Bens de Capital 1,2%, Bens Intermediários -7,4%, Bens de Consumo Durável -2,9% e Consumo Não Durável -12,3%.

TABELA 7  
SÃO PAULO  
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA POR CATEGORIA DE USO  
JANEIRO-MAIO 1988  
(Base: igual período do ano anterior=100)

CATEGORIAS DE USO	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
Bens de Capital .....	101,2	0,2
Bens Intermediários .....	92,6	-4,0
Bens de Consumo .....	89,9	-3,1
Bens de Consumo Durável .....	97,1	-0,2
Bens de Consumo não Durável.....	87,7	-2,9
Indústria Geral .....	93,1	-6,9

FONTE: IBGE

Este movimento diferenciado das taxas em relação à média da indústria (-6,9%), foi determinado basicamente por três fatores. As indústrias que situaram-se acima da média, Bens de Ca-

pital e Consumo Durável, têm seu comportamento muito influenciado pela maior demanda de caminhões e automóveis, fato já exposto anteriormente neste comentário.

A queda da produção de suco e concentrado de laranja teve forte impacto negativo na categoria de Bens de Consumo não Durável devido à base de comparação (janeiro-maio de 1987) estar muito elevada em função dos altos estoques de laranja no ano passado. Como último fator cabe destacar a menor demanda por tecidos artificiais esintético, relacionada com a contração da massa salarial.

Quanto a produção acumulada nos últimos doze meses, o resultado de -5,9% situou-se em um patamar inferior ao observado no mês passado (-4,7%), mantendo assim a tendência de retração observado desde maio do ano passado.

#### REGIÃO SUL

A indústria da Região Sul assinala em maio contrações em todos os indicadores mensais (-4,6%), acumulado (-3,9%) e acumulado 12 meses (-3,6%). Em todas as comparações os resultados mais favoráveis - extrativa mineral e dos gêneros mais vinculados à agricultura destacando-se alimentares, fumo e em menor medida a química - não têm sido suficientes para contrabalançar as quedas nos segmentos voltados para o mercado interno, muito afetados pela contração da massa salarial.

No indicador mensal verificaram-se decréscimos em oito dos quatorze gêneros, destacando-se material elétrico (-17,5%), mecânica (-10,8%) e química (-10,6%), no entanto em seis destes a retração foi menor que a verificada no mês anterior. O fato do resultado da indústria em maio (-4,6%), estar, mesmo assim, bem próximo ao verificado no mês anterior (-3,9%) deve-se, principalmente ao menor crescimento de produtos alimentares (1,4% em maio contra 6,3% em abril) e a re-

tração na química de -10,6%, que no mês anterior havia registrado um acréscimo de 7,2%. O desempenho deste último segmento foi induzido, basicamente, pelas reduções em fertilizantes (-23,9%) e derivados da soja - farelo e óleo em bruto (-22,5%). A boa safra de soja deste ano ainda não foi em boa medida comercializada, pois muitos produtores estão estocando, na espera de melhores cotações no mercado internacional que está em alta. Quanto aos fertilizantes, sua contração ocorre após três meses consecutivos de crescimento na comparação mensal - de 30% em média. O arrefecimento da expansão de produtos alimentares não foi maior devido sobretudo a boa performance de farinha de milho (93,0%) e óleo de soja refinado (11,8%), este último produto, como está no final da cadeia produtiva, ainda está processando a colheita do ano passado.

O indicador acumulado 12 meses confirma seu movimento de queda (-3,6%) iniciado em janeiro deste ano. Destaca-se esse mês o crescimento da extrativa mineral (2,2%), o primeiro dos últimos dezesseis meses, "puxado" por calcáreo (11,5%) e carvão-de-pedra beneficiado (1,6%). Os gêneros que mais influenciaram na contração deste mês foram vestuário (-10,6%) e mecânica (-8,3%) que têm sua produção voltada principalmente para o mercado interno.

Analizando-se o desempenho da indústria segundo complexos industriais, pelo indicador acumulado (tabela 8) verifica-se um desempenho bastante diferenciado: agroindústria (2,5%), química (-1,5%), têxtil (-7,2%) e demais complexos (-7,3%). Todos os setores da agroindústria registram variações positivas, sendo as maiores taxas as do café e cana-de-açúcar (4,2%) e pecuária e derivados (2,6%), destacando-se os produtos café solúvel (50,9%) e carne de bovino congelada (76,5%), ambos com expressivo volume de exportações neste ano. Na química só há crescimento no grupo de indústria de elementos químicos e petroquímica (0,7%), que produzem Bens Intermediários. Os insumos químicos de maior incremento, no período em questão, foram oxigênio (38,8%) e ácido sulfúrico (120,7%) que são de

TABELA 8  
REGIÃO SUL  
DESEMPENHO DA INDÚSTRIA SEGUNDO COMPLEXOS INDUSTRIALIS  
JANEIRO-MAIO 1988  
(Base: igual período do ano anterior=100)

COMPLEXOS INDUSTRIALIS	ÍNDICE	COMPOSIÇÃO DA TAXA
AGROINDÚSTRIA .....	102,5	0,7
. Pecuária e Derivados .....	102,6	0,3
. Trigo e Soja .....	100,9	0,0
. Café e Cana-de-açúcar .....	104,2	0,1
. Outros .....	102,4	0,3
QUÍMICA .....	98,5	-0,2
. Produtos Químicos Finais .....	97,1	-0,2
. Elementos Químicos e Petroquímica .....	100,7	0,0
TEXTIL .....	92,9	-1,2
. Têxtil e Vestuário .....	91,2	-0,9
. Calçados .....	95,5	-0,3
DEMAIS COMPLEXOS .....	92,7	-3,2
INDÚSTRIA GERAL .....	96,1	-3,9

FONTE: IBGE

uso generalizado na indústria. Dentre os produtos finais destacam-se, por sua influência positiva no Índice, os itens tintas à base de plástico (78,2%) e adubos e fertilizantes (17,9%). Dos vinte e nove produtos que compõem o complexo têxtil apenas nove assinalavam acréscimos na produção. As maiores contrações verificaram-se em casacos para homens (-54,3%) e bolsas de material plástico (-48,7%).

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GÊNEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAR	ABR	MAI	MAR	ABR	MAI	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAI	ATE MAR	ATE ABR	ATE MAI
INDUSTRIA GERAL	109,99	99,90	103,38	87,17	88,26	97,33	88,10	88,13	89,72	97,75	95,91	95,46
EXTRATIVA MINERAL	147,39	144,86	149,04	102,59	102,82	105,43	102,27	102,40	103,01	102,10	101,97	102,42
IND.TRANSFORMAÇÃO	104,81	93,67	97,06	84,69	85,67	95,76	85,96	85,90	87,56	97,04	94,94	94,34
MIN.NÃO METALICOS	100,25	90,54	87,28	101,45	102,87	94,40	90,63	93,31	93,51	91,43	91,54	91,17
METALURGICA	136,57	124,95	122,72	88,46	94,90	88,31	79,25	82,64	83,70	86,46	85,79	84,56
MAT.ELETTRICO E COM	152,93	113,05	98,59	93,52	69,08	69,86	87,67	82,92	80,57	93,07	90,20	88,68
PAPEL E PAPELÃO	113,19	105,26	114,78	89,87	80,15	87,30	90,34	87,71	87,63	101,83	97,95	94,72
BORRACHA	131,83	118,81	140,93	104,35	94,18	113,73	103,28	100,92	103,52	99,59	98,36	99,13
QUIMICA	114,44	106,29	115,67	80,78	84,33	106,38	87,37	86,69	89,88	101,98	99,13	99,16
PERF.SABÕES,VELAS	142,61	94,63	111,83	110,60	74,82	87,38	116,86	105,66	101,78	109,92	103,67	101,86
PROD.MAT.PLASTICAS	113,38	106,24	99,38	91,76	94,44	89,84	83,18	85,74	86,49	86,75	84,81	83,19
TEXTIL	88,62	82,34	88,09	103,02	92,81	97,72	88,45	89,49	91,09	92,54	91,85	91,70
VEST,CALÇ,ART.TEC.	124,23	115,06	110,64	110,42	90,10	90,04	93,72	92,74	92,19	97,04	95,36	93,62
PROD.ALIMENTARES	72,74	59,06	61,68	61,11	72,32	88,81	78,07	77,10	78,57	100,12	96,82	95,94
BEBIDAS	104,91	85,24	86,34	89,63	87,53	85,10	92,56	91,55	90,44	89,80	89,12	88,16
FUMO	134,72	107,10	101,51	103,48	81,80	86,46	96,14	92,56	91,44	94,43	93,02	92,85

PONDERAÇÃO CI-80

1988

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAR	ABR	MAI	MAR	ABR	MAI	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAI	ATE MAR	ATE ABR	ATE MAI
INDUSTRIA GERAL	105,66	92,12	90,59	77,79	74,20	80,21	79,93	78,66	78,92	96,15	92,09	89,96
IND.TRANSFORMAÇÃO	105,66	92,12	90,59	77,79	74,20	80,21	79,93	78,66	78,92	96,15	92,09	89,96
MIN.NÃO METALICOS	110,06	93,98	88,60	108,99	97,38	89,61	94,10	94,84	93,86	94,07	93,27	92,35
METALURGICA	118,72	120,76	109,33	71,19	75,16	82,07	66,84	68,83	71,02	80,91	77,04	75,47
MAT.ELETTRICO E COM	138,48	97,72	64,11	83,82	54,91	40,61	80,39	73,31	66,85	93,77	86,50	79,96
PAPEL E PAPELÃO	109,45	101,78	104,76	85,28	71,28	78,32	81,79	79,06	78,91	91,99	87,48	84,44
QUIMICA	158,86	136,56	139,08	67,94	67,01	84,86	76,35	74,33	75,89	102,97	96,37	94,49
PERF.SABÕES,VELAS	112,75	73,54	98,57	86,94	54,35	74,00	105,96	90,47	86,72	101,82	95,05	92,69
PROD.MAT.PLASTICAS	110,72	100,51	98,49	91,62	98,25	99,42	83,87	86,99	89,15	79,42	77,78	77,09
TEXTIL	91,87	80,66	88,37	105,67	82,16	88,54	86,16	85,16	85,84	92,66	90,32	88,63
PROD.ALIMENTARES	67,88	61,83	65,19	59,53	71,33	78,90	76,51	75,59	76,07	105,21	101,18	98,77
BEBIDAS	88,52	71,07	70,09	82,49	78,20	78,25	91,40	88,68	86,92	88,04	87,17	86,17
FUMO	144,70	116,43	110,03	110,96	86,38	91,74	102,25	98,20	97,01	99,18	98,10	98,63

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAR	ABR	MAI	MAR	ABR	MAI	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAI	ATE MAR	ATE ABR	ATE MAI
INDUSTRIA GERAL	123,80	113,36	121,97	98,24	99,88	106,16	96,00	96,90	98,65	96,90	96,92	97,06
EXTRATIVA MINERAL	116,43	111,24	114,31	101,52	100,53	104,55	99,59	99,83	100,77	99,03	99,09	99,61
IND.TRANSFORMAÇÃO	125,05	113,72	123,27	97,74	99,77	106,42	95,48	96,46	98,33	96,58	96,60	96,68
MIN.NÃO METALICOS	89,29	81,11	76,61	76,12	77,95	78,51	67,88	70,10	71,53	74,22	71,86	70,41
METALURGICA	130,82	106,57	111,42	99,94	143,55	103,00	85,35	94,64	96,22	78,42	83,71	85,06
MAT.ELETTRICO E COM.	177,69	164,79	183,01	104,28	104,76	147,73	98,25	99,76	107,15	96,56	98,40	104,14
BORRACHA	163,89	151,75	195,58	108,85	101,23	130,26	118,07	113,48	117,08	104,43	103,84	106,00
QUIMICA	129,21	123,05	134,05	100,78	98,93	106,84	100,71	100,27	101,58	102,50	102,00	101,62
PERF.SABÕES,VELAS	164,98	106,94	116,83	111,23	79,23	87,72	102,39	97,02	95,29	102,32	96,27	95,38
PROD.ALIMENTARES	97,41	67,38	75,40	84,01	94,59	113,52	83,57	85,28	88,85	85,22	85,15	85,85
BEBIDAS	151,86	121,58	130,05	100,21	103,99	98,20	97,44	98,69	98,60	93,69	93,48	93,44

IBGE

30/06/88 PAG 15



## INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - MINAS GERAIS

PONDERAÇÃO CI-80

1988

CLASSES E GENEROS	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAR	ABR	MAI	MAR	ABR	MAI	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAI	ATE MAR	ATE ABR	ATE MAI
INDUSTRIA GERAL	128,39	117,77	125,90	107,91	102,62	106,89	101,81	102,00	102,98	100,74	101,12	101,81
EXTRATIVA MINERAL	124,66	113,73	117,95	127,52	113,44	106,81	109,56	110,51	109,73	98,66	100,99	102,32
IND.TRANSFORMAÇÃO	128,70	118,10	126,56	106,58	101,83	106,90	101,25	101,39	102,49	100,90	101,12	101,77
MIN.NÃO METALICOS	111,13	101,21	99,30	109,69	98,61	92,37	95,35	96,14	95,38	96,35	95,88	95,03
METALURGICA	143,63	133,45	138,81	115,81	114,14	116,30	109,93	110,92	111,96	101,40	102,44	104,07
MAT ELETTRICO E COM	157,34	173,34	126,32	111,55	129,56	96,44	97,81	105,81	103,95	93,70	94,82	96,42
MAT. TRANSPORTE	170,93	145,91	159,45	125,17	94,79	101,06	101,89	100,03	100,25	113,58	114,95	115,47
PAPEL E PAPELÃO	156,07	170,92	178,07	92,54	107,73	143,57	98,45	100,73	107,61	98,94	99,58	101,00
QUIMICA	131,80	107,59	154,31	86,81	82,14	111,28	89,39	87,71	92,35	96,26	94,93	96,26
PROD.MAT.PLASTICAS	117,60	122,49	109,31	64,12	66,93	66,83	72,08	70,71	69,96	86,50	83,11	80,75
TEXTIL	111,22	109,31	113,97	92,23	92,53	92,78	94,47	93,98	93,73	98,49	98,16	97,55
VEST.CALÇ,ART.TEC.	80,03	75,60	83,32	87,09	80,75	92,07	74,53	76,05	79,12	82,15	80,55	79,94
PROD.ALIMENTARES	85,61	78,04	91,37	106,04	106,82	114,05	109,76	109,04	110,10	110,27	111,55	111,61
BEBIDAS	139,09	125,96	128,24	99,10	97,24	97,62	101,53	100,55	100,00	100,32	99,46	98,65
FUMO	182,69	139,44	132,82	109,72	83,24	85,48	110,08	103,05	99,61	105,87	103,94	102,38

IBGE

01/07/88 PAG 16



## INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - RIO DE JANEIRO

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSESE GENERO	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAR	ABR	MAI	MAR	ABR	MAI	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAI	ATE MAR	ATE ABR	ATE MAI
INDUSTRIA GERAL	119,15	109,76	108,77	105,57	98,45	96,59	97,62	97,82	97,58	96,73	96,05	95,63
EXTRATIVA MINERAL	575,02	529,09	455,88	105,42	101,30	83,10	105,08	104,15	99,83	101,05	101,59	100,03
IND.TRANSFORMAÇÃO	110,21	101,53	101,96	105,59	98,16	97,99	96,88	97,19	97,35	96,31	95,52	95,21
MIN.NÃO METALICOS	96,36	98,13	88,30	103,59	101,27	91,35	88,33	91,57	91,53	93,56	92,48	91,51
METALURGICA	145,55	137,66	137,51	102,81	113,01	104,66	103,41	105,65	105,45	99,96	101,05	101,87
MAT.ELETTRICO E COM	129,25	135,08	128,69	137,39	145,14	145,57	138,29	140,06	141,14	130,74	131,76	132,61
MAT. TRANSPORTE	58,20	48,21	44,38	207,64	128,98	121,72	126,32	126,99	125,95	87,20	91,24	94,83
PAPEL E PAPELÃO	94,03	81,61	80,14	89,03	79,87	77,33	80,16	80,09	79,53	87,60	86,03	84,23
QUIMICA	120,76	111,43	118,73	101,67	96,60	103,11	102,05	100,69	101,17	96,49	95,50	95,71
FARMACEUTICA	127,42	119,61	126,56	107,13	86,76	95,69	92,11	90,70	91,71	105,09	101,43	100,56
PERF.SABÕES,VELAS	162,63	147,38	151,20	101,29	93,78	88,09	92,89	93,11	92,05	105,02	100,86	97,14
PROD.MAT.PLASTICAS	148,97	138,95	134,18	84,48	84,57	86,13	71,58	74,65	76,76	78,53	76,26	75,15
TEXTIL	85,62	77,65	80,42	82,78	68,23	71,21	74,35	72,78	72,46	91,78	87,89	84,45
VEST.CALÇ.ART.TEC.	74,13	64,14	66,65	124,57	81,17	89,85	84,32	83,50	84,75	85,98	84,84	84,20
PROD.ALIMENTARES	98,65	80,80	86,70	93,94	82,09	83,48	88,34	86,89	86,22	94,89	92,71	90,81
BEBIDAS	124,11	113,85	94,87	100,15	99,37	93,81	97,77	98,14	97,41	90,59	90,19	90,25
FUMO	137,25	102,11	99,12	101,99	75,57	75,77	94,19	89,29	86,55	88,60	86,70	84,71

1988

PONDERAÇÃO CI-80

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAR	ABR	MAI	MAR	ABR	MAI	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAI	ATE MAR	ATE ABR	ATE MAI
INDUSTRIA GERAL	116,48	104,72	110,23	100,71	90,07	92,22	94,42	93,30	93,08	96,77	95,30	94,14
IND.TRANSFORMAÇÃO	116,48	104,72	110,23	100,71	90,07	92,22	94,42	93,30	93,08	96,77	95,30	94,14
MIN.NÃO METALICOS	113,15	107,65	111,06	96,09	96,61	98,34	92,37	93,40	94,37	98,49	97,42	96,58
METALURGICA	120,24	105,75	109,27	97,00	84,51	87,92	93,72	91,32	90,62	94,95	92,91	91,32
MECANICA	119,02	107,79	105,73	110,44	94,85	91,74	105,10	102,33	100,04	105,25	103,56	101,68
MAT.ELETTRICO E COM	113,06	99,47	109,08	98,17	82,93	92,26	86,58	85,62	86,98	91,64	89,57	88,56
MAT. TRANSPORTE	141,42	120,27	125,17	119,76	98,99	103,35	108,48	106,02	105,47	91,84	92,92	94,27
PAPEL E PAPELÃO	145,82	141,57	144,67	92,84	91,14	92,71	92,33	92,03	92,16	98,27	96,13	94,63
BORRACHA	145,84	143,22	143,89	105,92	108,98	104,50	97,84	100,54	101,34	99,82	100,07	99,78
QUIMICA	109,22	100,53	117,90	105,98	91,77	88,85	97,76	96,20	94,43	103,24	101,66	99,15
FARMACEUTICA	148,99	118,11	130,00	97,44	70,71	83,31	85,10	81,23	81,65	93,79	89,61	87,40
PERF.SABÕES,VELAS	185,56	178,17	159,57	98,50	93,77	84,59	98,91	97,53	94,80	108,88	103,34	99,70
PROD.MAT.PLASTICAS	122,34	111,19	114,17	81,34	82,00	83,76	78,48	79,31	80,17	85,32	82,66	80,74
TEXTIL	113,35	100,98	106,39	91,96	87,81	91,75	87,05	87,24	88,12	90,71	89,37	88,73
VEST,CALC,ART.TEC.	82,39	74,73	75,01	89,63	84,66	87,35	77,44	79,23	80,82	76,53	75,74	75,40
PROD.ALIMENTARES	75,43	68,56	73,29	85,14	87,06	99,18	84,82	85,33	87,77	101,16	99,37	99,14
BEBIDAS	115,32	106,32	100,27	97,98	95,28	91,07	97,38	96,88	95,77	96,91	96,15	95,05
FUMO	71,76	59,08	59,29	101,21	85,67	96,13	94,37	92,22	92,93	88,40	87,99	88,74

## INDICADORES DA PRODUÇÃO INDUSTRIAL POR CLASSES E GENEROS - REGIÃO SUL

PONDERAÇÃO CI-80

1988

CLASSES E G E N E R O S	BASE FIXA MENSAL			MENSAL			ACUMULADO			12 MESES		
	MAR	ABR	MAI	MAR	ABR	MAI	JAN-MAR	JAN-ABR	JAN-MAI	ATE MAR	ATE ABR	ATE MAI
INDUSTRIA GERAL	129,88	120,91	120,30	103,17	96,10	95,36	96,39	96,31	96,12	97,89	97,06	96,37
EXTRATIVA MINERAL	107,16	102,34	103,51	112,88	119,40	117,55	109,69	111,97	113,06	96,09	99,58	102,21
IND.TRANSFORMAÇÃO	130,22	121,19	120,54	103,06	95,87	95,13	96,24	96,14	95,93	97,91	97,03	96,30
MIN.NÃO METALICOS	110,88	105,88	104,29	99,79	101,46	101,11	99,02	99,61	99,90	100,23	99,39	99,17
METALURGICA	143,93	133,93	137,97	95,38	92,54	93,63	90,05	90,68	91,28	94,32	93,18	92,31
MECANICA	161,73	138,62	132,63	92,36	82,36	89,19	86,18	85,22	85,94	96,05	93,55	91,68
MAT.ELETTRICO E COM	183,28	156,16	141,26	95,89	88,24	82,54	101,07	97,75	94,71	103,41	101,04	98,58
PAPEL E PAPELÃO	149,03	144,42	144,82	98,35	94,78	97,32	97,32	96,67	96,80	101,79	100,03	99,38
QUIMICA	87,60	100,95	99,29	116,96	107,33	89,36	99,87	102,18	98,74	102,61	102,65	100,72
PERF.SABÕES,VELAS	164,88	140,24	154,27	101,67	97,57	108,73	95,08	95,69	98,23	91,94	90,78	91,82
PROD.MAT.PLASTICAS	122,43	113,97	117,51	90,24	85,52	89,63	89,57	88,53	88,75	90,34	87,61	86,00
TEXTIL	137,07	118,64	124,87	101,94	89,70	93,19	98,82	96,49	95,82	99,72	98,31	97,24
VEST,CALC,ART.TEC.	105,86	92,52	96,80	97,02	92,87	96,91	89,19	90,07	91,39	89,28	89,40	89,41
PROD.ALIMENTARES	119,97	107,76	111,38	118,79	106,27	101,42	104,41	104,87	104,14	101,46	102,25	102,59
BEBIDAS	142,13	148,22	132,34	107,15	97,29	122,57	97,95	97,76	101,99	83,53	81,67	86,51
FUMO	374,15	327,66	293,69	109,29	99,36	103,23	109,85	106,33	105,63	106,39	105,14	104,76